

INFÂNCIA INDÍGENA E OUTRAS INFÂNCIAS

ALCEU ZOIA¹
UNEMAT

ODIMAR J. PERIPOLLI²
UNEMAT

RESUMO: *Este artigo tem como objetivo evidenciar como vivem e como são educadas as crianças indígenas da comunidade Terena do Norte de Mato Grosso e quais são as concepções de infância que se fazem presentes entre os membros dessa comunidade. Tomando a infância nos mais diversos contextos, buscamos analisar como esse processo educativo vem se desenvolvendo e quais são as concepções de infância presentes entre adultos e crianças deste grupo.*

PALAVRAS-CHAVE: *infância; educação indígena; cultura.*

ABSTRACT: *This article aims to show how children of the Indian community Terena, from North Mato Grosso, live, how they are educated, and what are the conceptions of childhood among the members of this community. Taking childhood in various contexts, we seek to analyze how this education process has been carried out.*

KEYWORDS: *childhood; Indian education; culture.*

Os sujeitos desse trabalho passaram por todo um caminho de expropriação e aculturação, deixando suas terras de origem no Estado de Mato Grosso do Sul, trabalhando em fazendas e vivendo nas periferias das cidades. Em busca de reconquistar o direito a ter a sua própria terra para dela tirar o seu sustento, partiram para o Mato Grosso. Após mais de dez anos de lutas, vivendo na região de Rondonópolis-MT, entre os Bororo e mais tarde, às margens das

¹ Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: alceuzoia@hotmail.com.

² Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: familiaperipolli@ibest.com.br.

rodovias 163 e 364, conquistaram uma área para o assentamento definitivo no Norte do Estado de Mato Grosso (ZOIA, 2009).

Essa comunidade indígena que passa a se constituir no Norte de Mato Grosso é recente nesse local. Chegaram apenas em 2003, oriundos do Mato Grosso do Sul e com uma passagem bastante conturbada por Rondonópolis-MT. Instalaram-se, inicialmente na aldeia *Kopenoty* localizada a, aproximadamente, 80 quilômetros à direita da BR 163, na região conhecida como BR 80, no sentido do Parque Nacional do Xingu. É nesse local que encontramos a maior parte do grupo. No entanto, suas terras estão localizadas a cerca de 200 quilômetros dessa aldeia, na Gleba Iriri, onde foram construídas outras três aldeias, a *Turipokú*, *Kuxonety Poke'é* e *Inamati* e é lá que, principalmente, a partir dos anos de 2007 e 2008, começaram a desenvolver suas atividades agrícolas e que aos poucos foram criando as condições mínimas para fixar residência.

A pesquisa foi realizada durante os anos de 2007 a 2009 e teve como enfoque teórico-metodológico a abordagem sócio-histórica, organicamente vinculada a uma concepção crítica e transformadora da realidade, de mundo, de vida, de homem e de sociedade. Nessa perspectiva entendemos que somos aquilo que as condições históricas e materiais nos determinam a ser e a pensar e que nessa relação o homem não é apenas passivo, ele também age e transforma essa realidade.

Quando nos propomos a falar sobre a infância, a primeira ideia que nos vem à memória é referente a nossa própria infância. Do correr pelos "potreiros", do subir e descer os pés de bergamota, dos araticuns, dos jogos de futebol com os amiguinhos vizinhos, dos banhos de rio no pequeno riacho ou no assustador Rio Uruguai, das arapucas que armávamos em toda vizinhança, das histórias assustadoras que também nos contavam, da escola, das longas caminhadas para estudar no inverno frio e cheio de neblina do Rio Grande do Sul, ou do verão de sol escaldante. Enfim, falar da infância nos faz lembrar um tempo saudoso e muito agradável de nossas vidas em que vivíamos o presente sem a preocupação com o futuro.

Ao nos depararmos com a infância indígena, estas memórias todas se fazem presentes. Desta forma, procuramos nos vestir da

sensibilidade necessária, para com o olhar atento, captar e nos deixar seduzir pelas coisas mais simples do mundo; lançando um olhar infantil sobre a realidade indígena para vê-la com os olhos de uma criança.

Quando nos propomos a falar da infância indígena precisamos ter clareza de que estamos entrando num universo extremamente complexo, pois trata-se de um contexto multiétnico e composto de uma enorme diversidade cultural. Quando falamos em índios, precisamos estar cientes de que existe uma grande diversidade de povos, cada qual com sua cultura, seus costumes, suas crenças, modos de viver e de conceber o mundo. Essa diversidade nos impõem a necessidade de desconstruir a ideia do índio que encontra-se generalizada no imaginário da população brasileira, a fim de eliminar equívocos de que "índio é tudo igual". Conforme afirma Maher (2006) esse preconceito em relação aos povos indígenas é fruto do tipo de educação que nos foi proposta, através da qual, diluir as identidades indígenas através do termo genérico "índios", tinha como objetivo torná-los menos visíveis para a sociedade não-índia. A autora complementa seu pensamento dizendo que: "uma estratégia eficaz quando se quer dominar alguém é destituí-lo de qualquer singularidade, é emprestar-lhe invisibilidade" (MAHER, 2006, p. 15).

Buscando a descaracterização dos povos indígenas, tornando-os invisíveis atrás da visão de que todos são iguais, foi difundida, durante muito tempo, a ideia de homogeneização da cultura indígena, de entendimento de que os conhecimentos e as tradições indígenas eram atrasados, fixados num passado distante. Portanto, deveriam ser deixadas neste passado e de que a formação da sociedade brasileira é produto de uma matriz eurocêntrica, ou seja, não tem nada a ver com a cultura dos povos indígenas que aqui viviam. Esta visão se constituiu na história oficial que foi e é contada pelos vencedores e disseminada pelo aparato educacional de nosso país, principalmente para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Essa visão de que os índios são todos iguais também podemos encontrar na maioria dos trabalhos acadêmicos que tratam das sociedades indígenas. A infância indígena é pouco estudada e muitas vezes apresentada apenas como um período passageiro em que o

indivíduo está apenas se preparando para a vida adulta que está por chegar.

Embora haja grandes diferenças culturais entre os povos, a forma como são criadas as crianças em muito se assemelha entre os diversos povos, conforme observa Mandulão:

Quando a criança nasce, é uma extensão da mãe que a amamenta e a protege. A criança é socializada pela família e nas relações cotidianas da aldeia. Ela aprende fazendo, experimentando, imitando os adultos. As crianças acompanham os pais e os seus brinquedos são miniaturas dos instrumentos que posteriormente irão utilizar em sua vida de adulto. Neste sentido, podemos inferir que a forma de ensinar nas comunidades indígenas tem como princípios inseparáveis a construção do ser, pela observação, pelo fazer, testado dentro de um contexto real (MANDULÃO, 2006, p. 219).

Silva, Macedo e Nunes (2002) em sua obra em que tratam das crianças indígenas, apresentam seis princípios que orientariam o novo paradigma para o estudo da infância, são eles:

1. A infância deve ser entendida como uma construção social, fornecendo assim um quadro interpretativo para os primeiros anos da vida humana. [...].
2. A infância deve ser considerada como variável de análise social, tal como gênero, classe ou etnicidade, [...].
3. As relações sociais e a cultura das crianças são merecedoras de estudos em si mesmas, independente da perspectiva e dos interesses dos adultos.
4. As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que as rodeiam, e na da sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais.
5. A etnografia é um método particularmente útil ao estudo da infância. [...].
6. A infância é um fenômeno em relação ao qual uma dupla hermenêutica das ciências sociais está presente, ou seja, a proclamação do novo paradigma da sociologia da infância também deve incluir e responder ao processo de reconstrução da infância na sociedade (SILVA, MACEDO e NUNES, 2002, p.18).

Com base nestes princípios é que buscamos desenvolver nossa pesquisa com as crianças da comunidade Terena e observamos que nessa comunidade, como também em outras do universo indígena, o processo de ensino e aprendizagem acontece de forma ininterrupta, não se separa a vida em momentos específicos para a educação. Toda a atividade deve ser encarada como momento de realização de aprendizagens. Neste sentido, observamos que em diversos momentos importantes da história dos Terena, as crianças sempre se fizeram presentes, auxiliando nas lutas e reivindicações dos adultos.

Embora haja grandes diferenças culturais entre os povos indígenas, a forma como são criadas as crianças, apresentam muitas semelhanças. Maybury-Lewis estudando as crianças da sociedade Xavante afirma: “há pouco que elas possam fazer e nada que elas tenham que aprender, ou melhor, nada que os adultos estejam ansiosos para lhes ensinar” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 113). Isso também podemos aplicar aos Terena de nosso estudo. Não há grande preocupação em ensinar logo tudo às crianças, para eles, cada coisa tem seu tempo para acontecer. Não significa, entretanto, que a criança pode fazer somente aquilo que desejar a todo o momento.

Ao questionarmos um dos caciques Terena sobre até que idade uma criança pode ser considerada criança. Ele nos respondeu com firmeza que seria até os nove ou dez anos, pois daí em diante a criança já começa a ter malícia, então já pode ser considerado um rapazinho, porque, na sua concepção, ser criança é ser inocente, conceito que ouvimos muitas vezes nas conversas na aldeia. Toda vez que questionávamos alguém sobre o que é ser criança, as respostas estavam ligadas à questão da inocência da criança e da liberdade para agir sem culpa.

Com é possível comprovar nas falas:

Ser criança é ser inocente, inocente de tudo né. Às vezes a gente briga com a criança porque ele pega um objeto lá no vizinho e trás aqui pra cá, pra casa, a gente briga com ele, mas porque ele trouxe, por causa da inocência dele, ele não tem malícia ainda (MILTON³, entrevista em 03 de novembro de 2007).

³ Milton Rondon é cacique da aldeia Terena Turipuku no norte de Mato Grosso.

No meu ponto de vista eu acho que ser criança é ter liberdade, ter liberdade pra brincar, para estar junto com os amiguinhos. Eu vejo assim, durante a infância, quando a gente era criança, a gente via assim que estar junto com as pessoas, os amigos, tornava a gente mais feliz, dava uma certa alegria para a gente poder estar conversando com um amigo, um parente, então acho que ser criança é ter essa liberdade de fazer, ter novos amigos (ALVANEI⁴, entrevista em 31 de agosto de 2007).

Eu penso que ser criança é fazer parte do nosso próprio corpo, como por exemplo o espírito de alegria, de união. Um exemplo que vou citar: ser criança é diferente de ser adulto. Um adulto quando acontece alguma coisa de ruim, ou um desentendimento, um chega a ralar com o outro, ou chamar a atenção, a pessoa não tem o bom senso de que aquilo é amigável e guarda rancor e a criança não, é como se o pai chamasse a atenção ou ralhasse, ou até mesmo desse uma surra só mesmo para corrigir, daqui um momento aquela criança volta pro colo do pai, da mãe sem rancor, sem mágoa nenhuma, isso eu definiria como criança. Aquela pessoa que sabe na imaginação que foi como se nada aconteceu e perdoasse (MATHEUS⁵, entrevista em 31 de agosto de 2007).

A concepção de infância ligada à ideia de liberdade é bastante forte nas populações indígenas em geral e está vinculada à maneira como as crianças são percebidas pela comunidade; como sendo alguém que tem o direito de permanecer em todos os lugares da aldeia, pois este é o seu momento de interagir e aprender com os demais membros do seu grupo de convívio.

Dessa forma, afirmamos, a aprendizagem numa comunidade indígena acontece em todos os lugares, a pedagogia é regida pelo princípio de que todos educam todos. O processo educativo acontece comunitariamente nas atividades que são realizadas na aldeia. É de responsabilidade da comunidade a transmissão dos saberes tradicionais do povo para as futuras gerações. Nesse processo, entende-se que a escola não é o único espaço de transmissão dos conhecimentos, de aprendizagem. A comunidade possui uma sabedoria, a qual precisa ser

⁴ Alvaneí Reginaldo é uma das lideranças da aldeia Terena *kopenoty* do norte de Mato Grosso, ex-professor e atualmente cursa a faculdade de enfermagem na UFMT – campus de SINOP-MT.

⁵ Matheus Rondon é uma das lideranças e professor da aldeia Terena *Toripoku*.

socializada com as crianças e os adultos são responsáveis pela formação da identidade coletiva.

As crianças indígenas, dos mais variados grupos gozam de uma liberdade enorme. Na comunidade Terena na qual desenvolvemos a nossa pesquisa, isso não é diferente. Elas têm liberdade para circular por todos os espaços da aldeia e relacionar-se com todos, adultos e crianças. Isso permite a compreensão de toda a teia de relações em que estão inseridas, sem que os adultos estejam muito preocupados se está ou não na hora delas aprenderem isto ou aquilo.

A partir do nascimento, a criança tem um contato mais intenso com a mãe e com a avó materna. Elas são as principais responsáveis pelas crianças nesse início de vida, à medida que ela vai crescendo, este contato se estende para os demais membros da comunidade e desde os primeiros anos de idade a criança já começa a desempenhar algumas funções básicas, tais como levar recados, cuidar de animais, da casa, dos irmãos mais novos, entre outros.

O contato intenso com toda a comunidade possibilita que o aprendizado das crianças indígenas vá acontecendo a todo o momento e em todas as situações sociais, fazendo de cada membro da comunidade um agente da educação indígena, mantendo vivo o princípio de que todos educam todos.

Numa das entrevistas concedidas por Alvanei, relatou-nos sobre como foi a sua educação enquanto criança, onde ressaltou vários aspectos que julga serem importantes na formação da pessoa e, mesmo com a entrada da TV, do rádio e outras tecnologias na aldeia, julga necessários preservar. Acreditamos que estas formas de comunicação venham a interferir na forma de viver e na concepção de autoridade até então presentes nesses povos.

Eu vejo assim, durante a minha infância, eu via de maneira bem diferente no passado, tanto é que hoje como já falamos na questão da influência das tecnologias dentro das comunidades indígenas. Não podemos negar que as tecnologias estão invadindo as comunidades indígenas e bem antes na minha infância isso não existia e a gente costumava participar de reuniões, hoje eu chamo de reuniões, mas na visão do meu avô eram uns minutos de aprendizagem que ele queria passar pra gente. Toda noite ao entardecer,

antes de escurecer a primeira preocupação do meu avô era sair no mato, buscar umas lenhas já preparando para a noite, então ele trazia aquelas lenhas, até levava a gente pra ajudar a carregar gravetos, quando anoitecia aquelas lenhas que ele trazia era justamente para clarear aquele momento de aprendizagem, então se fazia o fogo fora da casa e ali as histórias começavam, eram várias histórias que na época a gente não dava muito valor, apesar de que se a gente for lembrar hoje, foram várias as coisas que a gente aprendeu durante esses minutos de aprendizagem toda noite, então ali eram contadas histórias que terminavam com conselhos, ensinando a gente a respeito do trabalho, da educação, respeitar os mais velhos, tudo isso a gente aprendia nesses minutos durante todas as noites. Daí pra cá a influência das tecnologias, a energia chegou nas aldeias, e com isso veio a televisão, o rádio e isso começou a mudar o modo de ensinar as crianças. Hoje anoiteceu, liga a TV o rádio e isso fica até a hora de dormir, muitas vezes o aprendizado fica pra trás, não digo que não se aprende vendo um jornal, ou alguma coisa, mas uma criança pode não entender o que está passando, as informações que estão sendo passadas num jornal, por exemplo, ela quer ver um desenho [...] existem todas essas questões que de certa forma preocupam a gente, porque a gente como professor, podemos dizer que todos nós como pais de famílias todos somos professor, essa preocupação tem que haver, e muito mais quando a gente assume a responsabilidade diante da comunidade pra ser um professor de todos então a gente fica preocupado nesse sentido da questão do aprendizado dos nossos filhos porque a educação começa dentro de casa, e a gente procura estar conversando com a família para de uma certa forma estar ensinando os filhos da gente pra educação partir de dentro de casa. Todas essas questões existem uma preocupação neste sentido. A gente vê assim que independente da TV a gente tem que ter um minuto de aprendizagem e de ensino com os nossos filhos e que muitas vezes isso acaba não acontecendo, não digo que a gente não está ensinando as crianças quando você fala que tem que respeitar os mais velhos, que tem que dar benção para uma pessoa mais velha, de uma certa forma a gente está educando a criança então é uma coisa assim que queira ou não tem que iniciar dentro de casa e é uma preocupação que a gente vê hoje dentro das comunidades indígenas com o avanço das tecnologias e com a entrada das tecnologias nas aldeias, nós futuramente não tem

como evitar isso, nós vamos estar sempre em contato. Só que aquilo que a gente aprendeu no passado, os métodos de educar uma criança tem que permanecer. Às vezes por causa do trabalho, a família estuda então a gente tem deixado de ter aquele momento da família. Meu avô sempre fala que o tempo é nós que fazemos então cabe a nós organizar o nosso tempo e pôr dentro do nosso planejamento um tempo para estar educando os filhos (ALVANEI, em entrevista no dia 04 de setembro de 2007).

Alvanei em sua fala demonstra que a entrada dos meios de comunicação nas aldeias tem influenciado profundamente na educação que era desenvolvida na família, pois a televisão acaba tirando o espaço das conversas em família, dos “minuto de aprendizagem”. Ele cita que costumava ter esses encontros com seu avô ao lado da fogueira preparada para “clarear aquele momento de aprendizagem” onde se “contavam várias histórias, as quais terminavam com conselhos, ensinando a gente o respeito do trabalho, da educação, respeitar os mais velhos”. Momentos que acabaram sendo substituídos pela televisão e pelo rádio, e, segundo Alvanei, acabaram influenciando na forma de educar as crianças. No entanto afirma ser necessário que cada família esteja atenta para com a educação de seus filhos. Percebemos na entrevista que há uma preocupação muito grande com relação a estas questões e é necessário que cada família reserve um tempo para estar educando seus filhos.

Quando questionamos sobre as diferenças entre Infância Indígena e a Infância Urbana, percebemos que há entre elas o que podemos chamar de “globalização das culturas”, há uma interação entre elas. Pela proximidade que a aldeia *Kopenoty* se encontra do distrito de União do Norte e o constante contato com a população não-índia, é muito comum a entrada de brinquedos industrializados na aldeia, conforme já fora citado por alguns dos entrevistados. No entanto, quando questionamos sobre se há diferença na educação das crianças da cidade para com a educação dada na aldeia, os entrevistados apontam para o que eles entendem como semelhanças e também para as diferenças.

Vejamos algumas opiniões dos entrevistados:

A infância da criança na aldeia nós podemos dizer que existe uma liberdade muito grande por parte das

famílias, dos pais e mães, dá uma liberdade. Essa liberdade é dada talvez pela certeza de que nada vai acontecer de errado com elas ali dentro da comunidade pela união que existe entre as crianças talvez com isso o pai se sinta mais seguro com a liberdade que dá pra criança poder estar brincando com outras crianças e uma coisa que a gente percebe ao longo desses anos é que na cidade a infância é um pouco diferente nesse sentido, porque a gente vê assim que a criança se ela começar a ter muita liberdade pra sair fora de casa ela pode ir pra um outro caminho e essa é uma das grandes diferenças que a gente percebe entre as crianças da aldeia e as da cidade porque se você dá muita liberdade para uma criança na cidade ela pode tomar outro caminho e na aldeia essa liberdade se dá justamente pela confiança dos pais de que ela vai estar em boa companhia porque há uma união muito grande na comunidade. Semelhanças: Eu acho que semelhanças é assim, estão mais no sentido dos desejos das crianças, do tipo de alimentos, de querer o que a criança quer pela influência da mídia, as crianças vê isso e acha que é bom. Isso pode ser bom, mas por um outro lado também tem toda uma questão que deve se ter um cuidado (ALVANEI, entrevista em 04 de setembro de 2007).

Tem diferença até por causa da criação. Tem famílias mais tradicionais que quer criar seus filhos da maneira tradicional, do jeito deles, mais tímidos. Tem diferença sim e quando ele cria lá na cidade ele já é mais vivo, mais esperto, ele tem mais visão, porque ele tá mais a par das coisas e aqui dentro das aldeias ele tá mais oculto das coisas, então a diferença é grande (MILTON, entrevista em 03 de novembro de 2007).

É tem algumas diferenças, mas tem também semelhanças. A diferença que eu posso notar é com relação ao modo de viver, a maioria hoje pensam que a criança indígena também é só começar a brincar pela arte que praticam, também eles pensam no modelo econômico atual, numa modernização, então há essas semelhanças. Há diferenças também neste aspecto, alguns já pensam sobre as crianças com ignorância, que a criança indígena deve ter só as brincadeiras, as atividades do cotidiano como índio, sendo que essas coisas não existem mais, as diferenças não existem mais. De igual é que todos somos seres humanos, hábitos de alimentação, hoje não tem mais diferenças, o que a crianças da cidade vive de querer brincar, de alimentação, a criança da aldeia também tem. Por

exemplo a influência da mídia, uma criança quer chocolate por influência da TV, tanto para crianças da cidade como na aldeia (MATHEUS, entrevista em 31 de agosto de 2007).

As crianças também manifestaram as suas opiniões sobre a diferença entre a infância nas cidades e nas aldeias:

Não, pode ser diferente, em várias danças, porque tipo, tem hip hop, dance, então índio não tem isso, índio tem a dança deles, a dança da ema. Tem diferença sim [...] mas muita diferença não tem porque aqui nós jogamos futebol, lá as crianças não-índias jogam futebol. A diferença é a dança né (OTONIEL, 12 anos, aldeia Kopenoty, 20 de abril de 2008).

É diferente, na cidade as crianças ficam nas calçadas das ruas pedindo esmolas e aqui na aldeia não acontece isso (WEVERSON, 06 anos, aldeia Kopenoty, entrevista em 13 de novembro de 2007).

É diferente, é que na cidade, na escola não tem assim uma atividade muito, muito assim legal, que dá pra gente assim brincar, correr (ANGÉLICA, 12 anos, aldeia Kopenoty, entrevista no dia 06 de novembro de 2007).

Percebemos nas falas tanto das crianças quanto dos adultos que uma das principais diferenças apontadas para a vida das crianças na aldeia e nas cidades está ligada diretamente a questão da liberdade e da segurança que na aldeia disponibilizam, enquanto nas cidades elas estão mais dispostas ao perigo e à violência. Outro aspecto bastante forte na conversa com as crianças é a questão da cultura, a exemplo da fala acima do Otoniel onde aponta que as diferenças entre a infância dos índios e não-índios estão no campo da cultura, das danças. Matheus em sua fala destaca ainda a influência que os meios de comunicação têm exercido, principalmente com relação aos hábitos alimentares.

Lembrando dos espaços para a aprendizagem nas comunidades indígenas e não-indígenas, percebemos que a infância e o seu desenvolvimento estão conectados com a educação e com a sociedade na qual esta criança está inserida. Maher (2006), citando estes espaços argumenta que esta educação acontece no cotidiano:

Nas sociedades indígenas, o ensinar e o aprender são ações mescladas, incorporadas à rotina do dia a dia, ao trabalho e ao lazer e não estão restritas a nenhum espaço específico. A escola é todo espaço físico da comunidade. Ensina-se a pescar no rio, evidentemente. Ensina-se a plantar no roçado. Para aprender, para ensinar qualquer lugar é lugar, qualquer hora é hora... (MAHER, 2006, p. 17).

Ao contrário da integridade de vivências no espaço indígena, as crianças não-índias da sociedade urbana acabam sendo isoladas em espaços e tempos específicos para que ocorra a aprendizagem e são definidos pelos adultos que julgam serem os mais adequados para que elas se desenvolvam em suas mais variadas idades. Assim, são criados espaços nas cidades, tais como: as escolas, os parques de diversões ou de passeio, os shoppings e muitos outros permeados de regras para a convivência que em vários momentos podem constranger e limitar a capacidade da criança de se desenvolver em plenitude e estabelecer relações com os seus semelhantes. Pois restringem a possibilidade de escolhas e autonomia na medida em que fragmentam as relações sociais por seus espaços e fazeres.

Entendemos com isso que não existe um desenvolvimento da infância universal, único e natural. As condições culturais, econômicas, sociais e históricas tornam-se fatores decisivos no desenvolvimento de cada criança que vai construindo sua história e simultaneamente sendo por ela construída.

Um dos aspectos mais contrastantes entre a infância das sociedades urbanas e indígenas é a liberdade que estas últimas usufruem no seu dia a dia, pois engloba o acesso aos mais variados espaços e atividades, tanto educacionais, sociais, religiosos, enfim, a criança indígena tem a liberdade para participar de quase tudo o que se passa a sua volta na aldeia.

Nas sociedades não-índias é muito comum observarmos que há uma cisão entre os espaços das crianças e o dos adultos, sendo que os espaços infantis estão sempre envoltos em proibições e controle exercido por pelos mais velhos e dificilmente as crianças têm espaço para externar suas opiniões nesta relação.

Leontiev (2004) ao falar das desigualdades entre os homens afirma que estas não são biológicas, mas produzidas pelo contexto social, econômico, cultural, ou seja, do processo histórico que os envolve e faz a seguinte análise para expressar as enormes diferenças que facilmente encontramos em nossa sociedade:

Se um ser inteligente vindo de outro planeta visitasse a Terra e descrevesse as aptidões físicas, mentais e estéticas, as qualidades morais e os traços de comportamento de homens pertencentes às classes e camadas sociais diferentes ou habitando regiões e países diferentes, dificilmente se admitiria tratar-se de representantes da mesma espécie.

Mas esta desigualdade entre os homens não provém das suas diferenças biológicas naturais. Ela é produto da desigualdade econômica, da desigualdade de classes e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio-histórico (LEONTIEV, 2004, p. 293).

Todas estas desigualdades são possíveis observar entre as crianças de cada grupo social. Observamos também que nas sociedades indígenas, com as quais tivemos contato, as crianças gozam de uma mobilidade muito maior do que nas sociedades urbanas. A infância na aldeia é marcada por uma enorme liberdade na vivência do tempo e do espaço e também das relações que se estabelecem neste meio e se estenderão até a passagem para a vida adulta, ainda que com ressalvas já apontadas anteriormente em nosso trabalho.

Tivemos a oportunidade de observar na comunidade indígena, na qual pesquisamos que o universo infantil também se desenvolve num ambiente de maior tranquilidade e de quase onipresença das crianças em todas as áreas da aldeia. Todos os espaços são lugares possíveis para o desenvolvimento das mais variadas atividades infantis. Porém, percebemos que as crianças nunca estão totalmente desacompanhadas, por se tratar de uma educação coletiva, sempre encontramos crianças maiores e pessoas mais velhas acompanhando os menores em suas brincadeiras e definindo os limites estabelecidos pela comunidade.

Numa das conversas com o senhor Milton, cacique da aldeia *Turipokú*, ele nos falou dessa liberdade que as crianças possuem de

poder se deslocar por todos os espaços da aldeia e não há necessidade de proibi-las de frequentar alguns lugares considerados perigosos, porque eles já não vão mesmo, ficam apenas observando de longe, conforme expressa o Sr. Milton Rondon: “Quando é um lugar que eles não podem ir, eles já não vão mesmo” (Entrevista no dia 03 de novembro de 2007). Alvanei também frisa que a infância das crianças na aldeia possui maior liberdade porque os pais têm a certeza de que nada de mal irá acontecer aos seus filhos. Eles se sentem seguros pelas crianças estarem brincando umas com as outras em clima de companheirismo:

Há uma confiança de que ela vai estar em boa companhia porque há uma união muito grande na comunidade (ALVANEI, entrevista no dia 04 de setembro de 2007).

Esta liberdade que é experimentada no período da infância permite às crianças indígenas uma melhor compreensão de seu mundo e também as habilitam para a partilha do social.

Para compreender o modo como cada sociedade vive, é necessário compreender as condições geográficas, ambientais, culturais e, sobretudo, as relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos desta sociedade, cientes de que os processos de conhecimento, de ensino e aprendizagem e as concepções de mundo, são diversos e variam de uma etnia para a outra. Precisamos compreender estas relações para, a partir de então, esboçar quais serão os referenciais que nortearão nossa compreensão do universo infantil desta comunidade.

O relacionamento entre as crianças dentro da comunidade é muito bom. Não observamos a formação de grupinhos fechados, todos se tratam como se fossem irmãos ou, como eles mesmos dizem, como parentes. Até mesmo os índios de outras etnias são por eles chamados de parentes. Há uma solidariedade muito grande entre todos, conforme nos relata Matheus sobre um momento em que uma de suas filhas adoeceu e ficou sem poder ir à escola por alguns dias, situação que gerou preocupação para as demais crianças:

[...] na verdade é parente, mas muito próximo um do outro, quando alguém sofre de alguma doença, algum problema de saúde, até muitas vezes as outras

crianças se preocupam com isso e isso acabou acontecendo com minha família, minha filha ficou doente e ficou uns dias sem ir na escola, então as próprias crianças, junto com a professora se incumbiram de ir na casa visitar a minha filha que estava lá um tempo sem ir na escola, dando incentivo e dizendo que a escola era muito boa e que ela deveria tornar a brincar novamente. Então há uma relação muito amorosa com o outro (MATHEUS, entrevista em 04 de setembro de 2007).

No relato de Matheus e nas visitas a aldeia, podemos observar que o brincar está sempre presente entre as crianças.

A infância é o período em que o brincar se manifesta de modo mais contundente e ela tem sido definida, muitas vezes, como estágios da maturidade biológica, naturalizados e descontextualizados, a-histórica, sem enxergar a criança como um ser inserido em uma comunidade, que faz parte de um contexto social, histórico e este também é cheio de contradições que não são exclusividade dos adultos. É preciso compreender que cada fase da vida é provisória, singular e um vir a ser permanente, para assim tratar cada período, respeitando o seu tempo de desenvolvimento e o seu tempo de amadurecimento.

No universo indígena e no nosso caso específico, na comunidade Terena, a aprendizagem ocorre de diversas formas. Vai desde o convívio com os adultos e se estende até as interações com as demais crianças da aldeia nos mais variados espaços, seja ele nas caminhadas pela aldeia, seja nas brincadeiras que se desenvolvem nos grupos, principalmente nos jogos com bola ou subindo em árvores. Todos os espaços da aldeia são espaços de descobertas, experimentações e transmissões de conhecimentos.

Outro fator que merece destaque e comprovamos em nossas pesquisas, é a noção de tempo que é dispensada para o aprendizado: para os povos indígenas é muito diverso da nossa noção imediatista de resultados. Para eles o tempo destinado para o aprendizado da criança é muito valoroso. As crianças têm a liberdade de executar as suas tarefas no seu tempo e os adultos não se cansam de repetir as atividades que estão ensinando e de aguardar que os pequenos consigam executá-las da melhor maneira possível. Observamos que não existe pressa para se terminar uma atividade, é preciso respeitar o tempo de aprendizagem

da criança, uma vez que isso terá uma grande aplicabilidade na realização das demais tarefas do seu dia-a-dia.

Dessa forma, o povo Terena mantém suas tradições, sua maneira de ser, de aprender, de respeitar, de ouvir, de não individualizar a educação. Demonstrando às crianças de que nas relações sociais são elaborados e desenvolvidos os conhecimentos dos quais necessitam no seu cotidiano e o processo de ensino-aprendizagem é um momento de vivenciar experiências novas para todos.

Referências bibliográficas

LEONTIEV, Aléxis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MAHER, Terezinha Machado. Formação de professores Indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 11-37.

MANDULAO, Fausto da Silva. Educação na visão do professor indígena. In: GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 217-226.

MAYBURY-LEWIS, David. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

SILVA, Araci Lopes da; MACEDO, Ana V. L. da S.; NUNES, Ângela (Orgs.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

ZOIA, Alceu. **A comunidade indígena Terena do Norte de Mato Grosso: infância, identidade e educação**. 2009. 244f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, [2009].
